



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



ROGER ADRIANO BRESSANI MAZUR

**O MÉTODO COMUNICACIONAL NO ENSINO DE
LITERATURA: PROPOSTA DE LEITURA DE *ERA UMA VEZ
À MEIA NOITE*, DE LUIZ ANTONIO AGUIAR**

Cornélio Procópio
2017

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O Método Comunicacional leva em consideração a realidade do aluno, dessa forma, o professor mediador realizará tarefas previstas e imprevistas, no que diz respeito às necessidades linguísticas levantadas ou percebidas, no momento da execução no processo de ensino e aprendizagem, em sala de aula. Portanto, deve-se ter a sensibilidade de que os textos estejam alinhados às carências de informação e/ou necessidades práticas diagnosticadas na turma, com a prerrogativa de que sejam ricos o suficiente para dialogar com o trabalho comunicacional. Ou, então, que o professor seja criativo o suficiente para instigar a leitura de obras literárias que despertem nos alunos a curiosidade ou o desejo de leitura.

Uma vez lidos os textos, serão identificados os objetivos comunicativos; feita a seleção dos que mais interessam ou que são mais comuns ou predominantes, o professor pode sugerir uma ou mais obras a serem lidas. Por meio de um roteiro ou direcionamento para a identificação dos elementos do jogo comunicativo que estão nos textos literários, serão estruturados dados concretos sobre a obra. Aqui são interessantes atividades lúdicas e de reflexão, como debates, dramatizações, seminários, entre outras.

Na sequência, o texto literário, que é o objeto de uma análise mais detida, serve de diretriz para que sejam examinadas as formas como são manifestadas as funções predominantes. Ou seja, o aluno precisa investigar o levantamento já feito, para que esteja consciente do objetivo do autor e qual resultado a mensagem da obra provocou no leitor.

Ademais, este método objetiva o reconhecimento de textos literários e textos não-literários, já que as funções predominantes nestes dois gêneros se distinguem, resultando, assim, um amadurecimento literário por meio da leitura de fatores que envolvem o texto, o contexto e suas inter-relações.

1 APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A proposta de intervenção pauta-se no Método Comunicacional, tendo como corpus de trabalho o livro *Era uma vez à meia noite*, pensada especialmente para alunos do 9º ano, sendo possível o trabalho com outras turmas do ensino fundamental

e ensino médio, desde que respeitadas as necessidades e interesses de cada contexto escolar, com as devidas adaptações.

O Método Comunicacional propõe que o ensino da literatura se dê a partir dos fatores de comunicação, assim, o lado expressivo dos textos se evidencia. Diante dessa proposta, espera-se que o trabalho com o texto literário seja voltado não apenas para questões puramente objetivas, compreensão de vocábulos, entre outras ações assumidas e praticadas na escola.

Para avaliar o êxito deste método, como resultado, os alunos devem demonstrar capacidades fundamentais na recepção de textos em linguagens variadas, seja elencando características e elementos de cada um dos diferentes tipos de textos, assim como pela percepção das semelhanças e diferenças entre os textos, conforme sua constituição ou funções dominantes.

O que mais interessa neste método, em se tratando de ensino e aprendizagem de literatura, é o cuidado que se deve ter para que o aluno desenvolva a competência e as capacidades necessárias para que reconheça os atributos expressivos da função poética da linguagem.

O objeto de trabalho desta proposta é o livro *Era uma vez à meia noite*, uma antologia de contos do escritor americano Edgar Allan Poe, recriados ou recontados por escritores brasileiros (o extraordinário Clube dos Segredos), seguidos dos textos originais, traduzidos por Rosana Rios e Luiz Antonio Aguiar. Esta obra faz parte do acervo de 2013, do PNBE, destinado aos alunos de anos finais do ensino fundamental e de ensino médio.

Tem-se, também, como um dos objetivos deste método, a orientação do aluno sobre as inúmeras possibilidades dos jogos comunicativos subjacentes aos textos, preparando-o para que perceba e trabalhe com as mensagens evocadas dos textos literários e, de modo especial, a comunicação além texto.

O trabalho com este livro prevê um exercício rico e significativo no que diz respeito à leitura, compreensão, apreensão, análise e exploração da obra literária. Num mesmo volume, são encontrados “recontos” - escritos por Pedro Bandeira, Rosana Rios, Rogério Andrade Barbosa, Leo Cunha e Luiz Antonio Aguiar, membros do “Clube dos Segredos” - e também contos de Edgar Allan Poe, traduzidos por Rios e Aguiar. Além disso, como a obra é uma homenagem ao escritor americano, em razão de seus 200 anos (em 2012), há uma pequena biografia do escritor homenageado. Consta também um prefácio que exalta as características inegáveis

de Poe como escritor, destacando-se alguns escritores que foram influenciados por ele.

Ainda sobre a constituição da obra, antes de cada reconto, há uma “justificativa” feita pelo escritor responsável por recontar, citando o título do conto original que o inspirou à reescrita. Logo na sequência do reconto, há o conto original traduzido e, enfim, um “comentário” sobre o conto original/traduzido. Ao final, depois de uma sequência de cinco “justificativas”, recontos, contos e comentários, é apresentada uma cronologia da vida e da obra de Edgar Allan Poe e, por fim, um ensaio final sobre ele. Na última página, são elencados os escritores/autores, membros do Clube, e uma descrição “lúgubre” de cada um deles.

Pelo fato desta metodologia ser composta pelos elementos do ato comunicativo propostos por Jakobson (1960), o livro é o canal que estabelece a comunicação; o contexto pode ser tanto o período ou momento em que a obra – ou as obras, se consideramos os textos de Edgar Allan Poe – foi escrita ou, então, o ato da leitura; a mensagem são os textos, a obra em si, em toda sua magnitude; o emissor são os autores dos textos literários e o receptor é o leitor.

Vale reforçar que este método é desafiador, pois prevê a exploração do texto a partir do envolvimento de todos os elementos descritos, os quais devem ser identificados no momento da leitura. Como estes elementos são de natureza múltipla e variável, é fundamental a concatenação com tempo e espaço estudados, o que expõe, assim, quão complexa é esta perspectiva.

Como já exposto, a obra é rica em informações co-textuais, textuais e contextuais, sendo possível trabalhar desde a biografia de Edgar Allan Poe, bem como sua cronologia, suas produções, influências literárias e seu aspecto sombrio, envolvente, rico em suspense. Além disso, o trabalho literário em sala é enriquecido quando se comparam os recontos com os contos originais, explorando, por exemplo os elementos da comunicação e as funções da linguagem constantes em cada um deles, bem como a exploração do universo literário, por meio da análise, comparação, contraste, discussão, construção e reconstrução de sentidos.

Sendo assim, um dos objetivos desta proposta é ter como alvo os contos de Edgar Allan Poe, não apenas por sua canonicidade, mas como forma de fomentar a busca pelo literário, ademais, de oferecer possibilidades para que os alunos possam desenvolver-se em sua formação literária.

Além de ter um título chamativo, a capa é sugestiva e proporciona um trabalho semiótico interessante, já que podem ser percebidos elementos soturnos, como o corvo negro, a rosa negra, a penumbra urbana. Inclusive, pode servir como motivação para a leitura do poema “O corvo”.

A motivação se dá a partir da percepção de temáticas como o medo, o horror, o suspense, o mistério; situações que exigem coragem, enfrentamento; situações com as quais não se sabe exatamente como proceder, devido às circunstâncias sobrenaturais, fantásticas, inexplicáveis, improváveis.

Há diversas animações em vídeo, disponíveis em canais gratuitos, online, que podem inspirar ou até promover a leitura e o entendimento dos textos, como por exemplo “Vincent” de Rick Heinrichs, ou outras animações, como “O gato preto¹”, “O coração delator²”, “O poço e o pêndulo³” entre outras, que são outros gêneros, com outras linguagens, em outros suportes, que promovem outras leituras.

São várias as possibilidades de criação literária – e até não literária – por meio da escrita de textos tendo como estímulo o livro *Era uma vez à meia noite*: resumos, resenhas, seminários, debates, dramatizações; criação de curtas, animações, *stop motions*, a serem publicados via *web* ou apresentados na escola, na comunidade circunvizinha e até em eventos teatrais, artísticos, musicais.

Como são muitas as possibilidades de trabalho, são muitas também as possibilidades de avaliação. O que não se pode revogar é que o aluno tome consciência do texto literário, de sua natureza e significado.

Vale ressaltar que a grande quantidade de gêneros indicados são sugestões de como se pode explorar a linguagem literária em relação às práticas sociais dos alunos, contextualizadas em sala de aula e fora dela, sendo necessária a conscientização do professor com relação à escolha dos gêneros que sejam mais significativos e /ou que tenham mais correlação com as intenções pretendidas. Da mesma forma que a simples produção de diferentes textos não é o “para quê” desta proposta, tampouco o deve ser em sala de aula.

Portanto, a partir da motivação, os alunos terão contatos com diversos textos verbais e não verbais com a temática gerativa relacionada ao suspense (horror ou terror). Serão cotejados os contos de suspense e, para isso, serão lidos e analisados

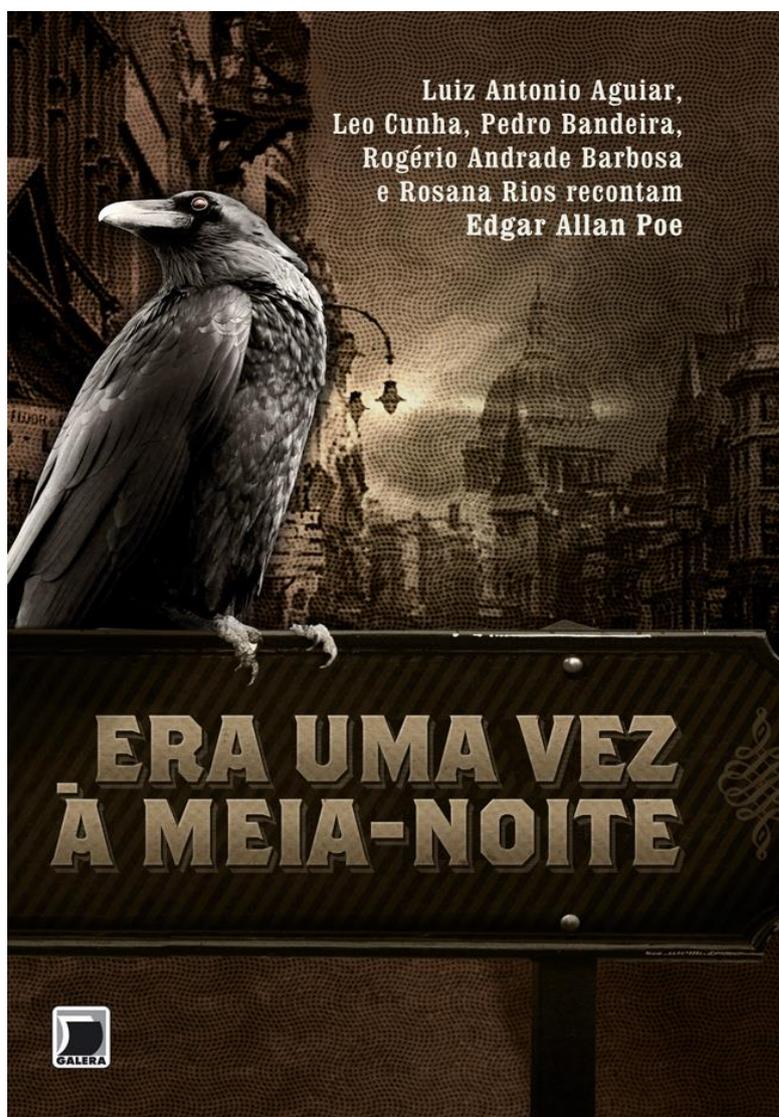
¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-vikiAn8rY4>

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6D7aUJTxDg>

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=asNCdFD-r60>

textos literários e não literários, cuja preocupação deve estar voltada para a verificação dos procedimentos artísticos associados ao suspense. Por fim, será caracterizado o conto como gênero literário, resultando, assim, numa proposta de produção do gênero priorizado, o conto, sendo interessante e possível a proposta de que os alunos criem recontos, a partir de um conto original de Edgar Allan Poe, que não esteja no livro *Era uma vez à meia noite*, como por exemplo “O retrato oval” ou “A queda da casa de Usher”.

Figura 1 – Capa do livro⁴



Fonte: Acervo do autor

⁴ *Era uma vez à meia noite*. Organizador: Luiz Antonio Aguiar. Tradução: Luiz Antonio Aguiar e Rosana Rios. Grupo Editorial Record/Galera Record. 224p. Ano 2012.

2 ESQUEMAS (ETAPAS E EXEMPLOS DE ATIVIDADES POSSÍVEIS)

PROPOSTA 1

Texto guia: “Um crime mais que perfeito” – Pedro Bandeira
(recriação de “O coração delator” – Edgar Allan Poe)

1) Contato com textos que comuniquem um fato individual ou social: a partir do próprio título do livro, é possível começar a discussão, ou até fomentar a temática, o universo da obra a partir de fatos como apagões, quedas de luz (notícias ou reportagens sobre), ou então questões polêmicas que envolvem a “meia noite”, a “hora do medo” e todo universo de suspense, sensações, ambientes soturnos como músicas, canções folclóricas, contos, causos, animações, vídeos, que envolvem este tabu da hora macabra. Pode-se usar a capa do livro, as imagens que há, ou, ainda a última página, com frases que descrevem os membros do “Clube do Segredo”.

Execução: fazer um levantamento na sala, por meio de uma *brainstorm*, das possíveis histórias, relatos ou causos relativos ao folclore ou a lendas regionais que tenham como cenário “a lúgubre hora”, ou então que promovam suspense, medo, mistério. Os alunos farão uma breve narrativa sobre estas histórias e a entregarão ao professor. O professor propõe aos alunos que entrevistem pais, parentes, vizinhos para fazer um levantamento das informações sobre a história escolhida e também uma busca em bibliotecas ou sites sobre as prováveis histórias. Na aula seguinte, os alunos recebem seus textos, com as correções/orientações do professor e o complementam com as informações coletadas nas entrevistas ou nas pesquisas. Assim, o breve texto narrativo pode ser transformado em um relato, ou mesmo numa reportagem, dependendo do interesse do professor e da turma.

Se houver a escolha pelo gênero reportagem, é essencial que o professor retome os elementos composicionais da reportagem (tema, pauta, relato, dados, diferentes vozes e pontos de vista, opiniões, título – manchete – linha fina, imagens, entre outros). Também é essencial trazer à discussão sobre o contexto de produção na esfera jornalística, assim como explorar características do tipo textual dissertativo/argumentativo. Após a primeira produção, é parte do processo de criação do gênero a participação do professor como orientador para possíveis correções ou direcionamentos aos alunos, como forma de possibilitar que os textos sejam bem escritos.

Nesta etapa, o professor deve orientar a turma para que guardem todas as suas produções textuais em um *portfolio*⁵, que ajudará na organização e avaliação do processo.

2) Identificação dos elementos do jogo comunicativo: neste ponto, retomam-se os elementos do ato comunicativo, considerando o que os textos dizem, quem diz, para quem diz, por que diz o que diz e em qual situação se diz.

Execução: após leitura e correção dos textos produzidos, os alunos devem reescrever seus textos, corrigindo ou modificando os apontamentos feitos pelo professor e trocar com os colegas, para que sejam identificados cada um dos elementos do ato comunicativo.

Neste momento, o professor trará notícias relacionadas à realidade local da escola (como por exemplo as discussões que envolvem *bullying*, crimes virtuais, casos em que a “Patrulha Escolar⁶” teve de intervir, etc.), ou exemplos mais universais, como o caso do jogo “Baleia Azul”, de abrangência nacional, que tem feito vítimas e preocupado autoridades.

É imprescindível que o material escolhido tenha proximidade temática dos textos produzidos pelos alunos, ou que tematizem crimes (com conteúdo apropriado a suas idades) para que percebam que textos “ficcionais” como lendas urbanas e outros podem ter semelhanças com fatos do cotidiano (verossimilhança). E da mesma forma, devem ser explorados os elementos do jogo comunicativo (o que, quem, para quem, por que e como/quando). Por exemplo: o que se fala é o assunto da notícia em si; quem fala são as vozes que permeiam os textos, podem ser os entrevistados, o

⁵*Portfólio* é um conjunto organizado de trabalhos produzidos pelo aluno ao longo de determinado período (o ano letivo, por exemplo). Quando bem montada, essa coletânea se transforma em um excelente instrumento de avaliação. Ele deve reunir as atividades que o estudante considera relevantes, escolhidas depois de uma análise feita com a sua ajuda. O critério da escolha, vale lembrar, não pode ser apenas o da excelência. O que importa é selecionar trabalhos que demonstrem a trajetória da aprendizagem. O ideal é que o portfólio tenha a seguinte estrutura: **introdução** (apresentação do conteúdo), uma **breve descrição** de cada trabalho, as **datas** em que eles foram feitos, uma **seção de revisão** com reflexões da criança, uma **autoavaliação** e uma parte reservada aos **seus comentários**. Disponível em: <http://novaescola.org.br/formacao/formacao-continuada/qual-finalidade-portfolios-627214.shtml>. Acesso em 20 agosto 2016.

⁶ A Patrulha Escolar é a união da comunidade escolar com a polícia para reduzir a violência e a criminalidade nas escolas e nas suas proximidades. Seu objetivo principal é a PREVENÇÃO e, supletivamente, a repressão aos crimes e atos infracionais. Ela assessora a comunidade escolar a encontrar os caminhos da segurança através de trabalhos de reflexão, palestras e organização para a ação. O policiamento nas escolas passa a contar com policiais militares especialmente capacitados que, conhecendo a realidade da comunidade escolar, buscam medidas que minimizem a ação de criminosos nas escolas e proximidades. Mais informações, acessar link abaixo: <http://www.seguranca.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=26>. Acesso em 19 junho 2017

autor, enfim, quem participou e opinou no texto; para quem são os receptores/leitores do texto, o público alvo escolhido pelo autor; o porquê está relacionado com a intenção discursiva, social, política de quem escreve e/ou do suporte ou meio de circulação pelo qual a notícia ou a reportagem percorre.

Neste ponto também é interessante trabalhar com o lide⁷, elemento composicional das notícias. A seguir, será proposta aos alunos a leitura do primeiro conto do livro *Era uma vez à meia noite*: “Um crime mais que perfeito”. Os alunos lerão em casa, como requisito para a próxima aula.

3) Análises das funções da linguagem expressas nos textos: neste ponto é essencial retomar o que foi levantado na segunda etapa, considerando cada conto ou reconto do livro, além de ser fundamental retomar as funções da linguagem dominantes no texto (que terá como principal a poética). Para isso, o professor pode preparar uma apresentação de slides, na qual exponha as seis funções propostas por Jakobson (1960), ou, de forma expositiva – dialogada, usar o quadro de giz e, em forma de esquema, retomá-las, com os alunos. Para fundamentação, há o trabalho de Horácio Dídimo (1983)⁸ ou alguns outros mais atuais, como de Kirchof (2009)⁹.

Aqui cabem as dramatizações, por meio de teatros improvisados, uso de fantoches, júri simulados, entre outros exemplos, bem como as trocas de papéis (troca de personagens, pontos de vista do narrador, vítima x bandido, etc.); cabem também reescritas a partir de diferentes pontos de vista, e a troca de textos para leitura e avaliação crítica entre pares.

Execução: como aferição de leitura do conto “Um crime mais que perfeito”, o professor poderá pedir para que um aluno comece a contar a história e em seguida, que outro aluno continue e assim sucessivamente; pode também fazer questões dirigidas sobre a trama ou o roteiro do conto. Se o professor perceber que não houve, de modo geral a leitura, o conto poderá ser lido pelo professor em sala de aula, com

⁷Elemento essencial do texto jornalístico que responde às seis perguntas consideradas básicas: o que, quem, quando, onde, como e por que; o objetivo principal é dar ao leitor as principais informações logo no início da notícia. (BAHIA, Juarez. *Jornal, História e técnica. As técnicas do jornalismo*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 52,53)

⁸ Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3253/1/1983_Art_HDidimo.pdf Acesso em 20 maio 2017.

⁹ Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/401/332> Acesso em 20 maio 2017.

a possível participação dos alunos. Após discussão sobre o conto, os alunos serão desafiados a, em grupos, dramatizarem o conto, por meio de pontos de vistas diferentes (neste caso, podem ser os personagens secundários, como o policial, o delegado, o garçom, a esposa, etc.), para que percebam as diferentes percepções e criem possibilidades a partir das funções dos elementos.

A dramatização será orientada pelo professor e, neste ponto, exploram-se gêneros da esfera artística, como os textos teatrais e seus elementos composicionais específicos (nome dos personagens, deixa, fala, narrador, orientações para interpretação no palco, cenário, vocalização, postura, etc.). Os ensaios podem ser feitos em sala (durante as aulas de Língua Portuguesa) ou em local apropriado na escola, para posterior apresentação em sala, para os demais colegas, ou em algum evento escolar, envolvendo também a comunidade.

4) Exame das formas de manifestação da função predominante: como o foco é o ensino de literatura, esta etapa deve ser muito bem trabalhada, exploradas todas as possibilidades interpretativas, já que o texto literário é o objeto desta análise profunda da composição dos textos, explorando os recursos linguísticos integrados aos significados. Comparar as diferentes linguagens utilizadas pelos autores, por meio de trechos destacados, ou então comparar os diferentes pontos de vista de Edgar Allan Poe e dos autores que recontaram seus contos são opções interessantes, assim como compará-los com as animações e com os causos ou histórias fantasiosas da região, por exemplo.

Execução: neste ponto, sugere-se que o professor traga informações a respeito de Edgar Allan Poe, o autor dos contos originais constantes no livro *Era uma vez à meia noite*, bem como o conto original que inspirou Pedro Bandeira – “O coração delator”. Estes dois textos serão a chave para esta etapa, que consistirá na análise comparativa dos textos, como a linguagem, enredo, papel do autor, do narrador, do leitor, qual mensagem se evidencia, em que contexto se dão as produções (diferenças de épocas), evidenciando a função poética do texto literário.

Para a análise comparativa, sugerem-se dois exemplos:

- Sobre os personagens: em “Um crime mais que perfeito”, além do personagem principal, há vários personagens secundários e coadjuvantes (o garçom, a mulher, o carcereiro, o advogado, o delegado, entre outros). Em “O coração delator”, há o personagem principal, o “velho” e, ao final, três policiais. Nas ações dos

personagens, percebem-se elementos contextuais que são importantes para a trama, como por exemplo o “lâmpião”, o chão de madeira e o olho de vidro. Em “Um crime mais que perfeito”, num contexto mais moderno, há materiais como a pistola automática, o carro *Mercedes*, as gravações no rádio e os efeitos sonoros da chuva.

Quanto aos personagens principais, no conto de Poe, temos um homem que trabalha como atendente de um senhor de idade, que se auto descreve como louco e nervoso, com uma “capacidade aguda dos sentidos”, em especial da audição. No conto de Bandeira, temos um típico “boa vida”, “playboy”, interesseiro, ganancioso, mulherengo. Ambos têm em comum a psicopatia: são frios, calculistas, meticolosos e assassinos. O primeiro, mata, esquarteja e enterra sob o piso de madeira; o segundo, atira para matar a sangue frio sua mulher e o garçom que lhe ajudou em seu plano maligno.

- Sobre a estrutura dos contos: ambos têm início *in medias res*, ou seja, começam narrando fatos centrais da narrativa; estratégia muito utilizada por Poe para prender o leitor, como se logo no início, fosse criada uma contiguidade entre o personagem e o leitor

Devido ao fato de o conto “original” ser uma versão, se o trabalho for feito em uma turma de 9º ano e, com a ajuda do professor de Língua Inglesa, o professor pode trazer outras versões traduzidas e, se achar interessante, até trazer o conto na língua original – inglês – inclusive para se explorar o código, elemento comunicativo. Para isso, orienta-se que sejam escolhidos trechos e que seja proposta a realização de uma análise comparativo-contrastiva.

Sugere-se o vídeo “Vincent¹⁰”, de Tim Burton e Rick Reirichs, para que os alunos vislumbrem a atmosfera que envolve Poe e seus contos e para que sejam explorados outros suportes/canais.

5) Cotejo dos textos quanto à predominância de funções linguísticas: é fundamental nesta etapa, retomar os textos não literários da primeira etapa, como as notícias, as reportagens, que não são textos literários e evidenciarem-se as diferenças constitutivas e composicionais em especial da linguagem que os estruturam (escolhas lexicais, criação de imagens, sugestões de sentidos, entre outras) e compará-los aos contos e ao vídeo sugerido.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ez6EHtsW7JE>. Acesso em 10, maio 2016.

Como exemplo de funções linguísticas predominantes em gêneros específicos, sugerem-se alguns:

- Função emotiva (emissor): cartas pessoais, poemas confessionais, canções sentimentais, artigos de opinião e diários;

- Função conativa (receptor): anúncios publicitários, discursos políticos, previsões e horóscopos;

- Função referencial (referente): gêneros científicos (artigos, experimentos, relatos, manuais), didáticos (apostilas, livros didáticos, plano de aula) e jornalísticos (notícias, reportagens, fotos, charges);

- Função poética (mensagem): gêneros literários em geral e também anúncios publicitários e canções;

- Função metalinguística (código): aula, livro de gramática, dicionários, lendas, poemas que refletem sobre a criação poética e filmes que tematizam o cinema;

- Função fática (canal): manifesta-se, principalmente em textos orais, para iniciar ou terminar um ato comunicativo; também pode estar em gêneros das redes sociais, como as mensagens por *messengers* ou nos *chats* e *talks*.

Execução: na primeira etapa, foi orientado que os alunos guardassem suas produções textuais dos diferentes gêneros em um *portfólio*. Nesta etapa, o professor irá pedir para que os alunos tragam seus *portfólios* para que possam investigar e analisar os textos constantes neste suporte a fim de que percebam a predominância das funções presentes em cada gênero, como a função referencial na notícia a função fática na entrevista oral, bem como a poética nos contos. Se necessário, o professor deve retomar as funções da linguagem e exemplificar com os respectivos gêneros em que cada uma delas se manifesta de forma mais intensa.

Por fim, para dar seguimento ao trabalho, o professor deve instigar os alunos quanto à leitura dos outros contos do livro – “O poço”, “Os dentes de Berê”, “Cortina” e “O gato” – e, como sugestão, pedir aos alunos que, em grupos, produzam animações, curtas ou fotonovelas tendo como base os contos lidos

PROPOSTA 2

Texto guia: “O poço” – Rosana Rios

(recriação de “O poço e o pêndulo – Edgar Allan Poe)

1) Contato com textos que comuniquem um fato individual ou social: em se tratando de literatura fantástica e, mais especificamente, do terror psicológico proposto pela narrativa de contos, a questão da intolerância religiosa é tema atual e cerne de diversas discussões, quer sejam políticas, sociais, ideológicas, filosóficas, culturais, no que diz respeito, especialmente no Brasil, à liberdade de culto, de expressão religiosa, laicidade do Estado e, ainda, de ações de fanatismo e de preconceito. Além disso, a temática foi o tema de redação do *Exame Nacional do Ensino Médio (2016)*¹¹, em que se propunham “caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”.

A partir deste e de outros pontos de partida, é possível um trabalho introdutório sobre a temática, envolvendo outras disciplinas, como História, Geografia, Artes e Ensino Religioso, para promover uma discussão sobre preconceito, fanatismo ou intolerância religiosa. Os alunos serão incentivados a debaterem e/ou relatarem fatos (pessoais ou coletivos) que envolvam a questão da religião. Por fim, nesta etapa, os alunos produzirão relatos (seus ou não) e entregarão ao professor.

2) Identificação dos elementos do jogo comunicativo: o professor fará a leitura, em voz alta, do conto “O poço”, de Rosana Rios e, neste momento, serão levantados elementos da narrativa (foco narrativo, narrador, personagens, tempo, espaço e enredo).

No conto em questão, o foco narrativo é em terceira pessoa; o narrador é onisciente, ou seja, ele tem conhecimento não apenas das ações dos personagens, mas também sabe o que pensam, o que planejam, o que sentem e não apenas narra, mas também tece comentários. Sobre alguns dos personagens, Allan, o personagem principal é o protagonista, personagem plano; Iriana é a “mocinha” da narrativa, personagem plana; Eunice, a professora, é a que surpreende o leitor, caracteriza-se como uma personagem esférica. A passagem do tempo se dá, com maior intensidade, de forma psicológica, pois o personagem principal encontra-se preso em um poço e,

¹¹ Caderno de questões com a proposta de redação disponível em: <http://enem.inep.gov.br/gabaritos-e-cadernos-de-questoes.html>. Acesso em 18, fev. 2017.

além de refletir sobre sua vida, também traça estratégias para sair dali. O espaço tem lugar privilegiado na narrativa, a começar pelo título; manifesta-se de forma psicológica, quando se descrevem as paredes, os “encapuzados”, os ratos, também manifesta-se de forma física e bem diversificada (escola, túnel, poço, gruta, campo, etc.) refletindo as situações da narrativa. Quanto ao enredo, temos uma narrativa fantástica, de terror psicológico¹², em que todos os elementos se inter-relacionam e constroem uma história intensa.

O professor pode e deve retomar estes elementos, explicitando cada um deles, com exemplos do conto. Como os elementos do jogo comunicativo estão intrinsecamente ligados aos elementos da narrativa, o professor fará a relação entre eles, seguindo a relação: emissor – narrador; receptor – leitor; mensagem – enredo; código – (língua portuguesa, prosa, 3ª pessoa, linguagem formal) e canal – livro/leitura do professor.

Após esta explanação, feita de modo expositivo-dialogado, os alunos serão incentivados a “jogar” com tais elementos, com liberdade para produzirem contos, mudando, por exemplo, o foco narrativo do emissor (personagem principal do conto) e quem narraria a história seria, por exemplo, Laslo, personagem secundário, amigo do narrador (Allan). O receptor deste novo relato seria, por exemplo, o professor Cláudio, ou a professora Eunice, o que certamente alteraria também a mensagem, respeitando os limites da narrativa do conto.

Quanto ao código, este conto oferece uma possibilidade muito interessante. No próprio conto (p.52), o personagem principal decide enviar uma mensagem a Laslo, usando um código secreto desenvolvido pelos dois. Os alunos serão desafiados a, em dupla, criar um código e, então, “traduzirão” a mensagem enviada por Allan a seu amigo. Tanto o código, quanto a mensagem traduzida serão entregues ao professor, que poderá trocar as mensagens criadas com outras duplas, para que tentem decifrar o código, pois a mensagem é conhecida por todos. O canal pode ser por email, áudio, bilhete e até por telefone (SMS, mensagens de voz, chamadas de vídeo, entre outras).

Neste momento, será sugerida a leitura do conto “O poço e o pêndulo”, de Edgar Allan Poe, conto que inspirou a autora a escrever o “O poço”.

¹² Consultar os trabalhos de TELES (2011), disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-literatura-fantastica-de-edgar-allan-poe/72938/>, acesso em 21 maio 2017 e de SILVA (2012), disponível em: <http://books.scielo.org/id/y742k/pdf/magalhaes-9788578791889-18.pdf> Acesso em 21 maio 2017.

3) Análises das funções da linguagem expressas nos textos: nesta etapa, os alunos serão incentivados a escrever textos em que as diferentes funções da linguagem sejam evidenciadas a partir da intenção ou ênfase que se quer dar aos elementos específicos da linguagem.

Para a função emotiva, o desafio é escrever um poema em que se evidencie o sofrimento vivido pelo personagem no conto de Poe. Nesta etapa, é importante o professor retomar a ideia de *sinestesia*, pois no conto há diversas situações em que se percebem, de modo bastante significativo, os sentidos do personagem (olfato, audição, paladar, tato, visão).

Para a função referencial, os alunos produzirão notícias que relatem o fato ocorrido/narrado no conto. Neste momento é importante o professor retomar os elementos composicionais da notícia (manchete, linha fina, lide, etc.) para que os alunos produzam as notícias. Para que o gênero notícia cumpra sua função, é necessário publicizar as produções dos alunos, por meio da criação de um jornal (físico ou online) ou de um mural ou *blog* em que as notícias sejam divulgadas.

Quanto à função conativa, há algumas possibilidades de textos a serem produzidos: manual de instrução, regulamentos, normas ou estatutos que explicitem, por exemplo, como deveriam se comportar os membros da seita que prenderam e torturaram o personagem. Também podem ser feitos cartazes, faixas ou placas, alertando as pessoas quanto a cuidados a serem tomados para evitar situações de conflito. Podem ser feitos, também cartazes que promovam o respeito e a tolerância em relação à expressão religiosa. É importante ressaltar que esta função tem como objetivo interpelar o receptor, convencendo-o, alertando-o, aconselhando-o e, para isso, os verbos estão no modo imperativo.

Sobre a função metalinguística, uma possibilidade é a produção de “leis” que rejam a laicidade do Estado e/ou tolerância religiosa no contexto da escola ou comunidade escolar, ou, de forma geral, no Brasil. Ou, então, uma oração ensinando as pessoas a orarem uma pelas outras, como forma de respeito e amor ao próximo.

4) Exame das formas de manifestação da função predominante: os textos produzidos na etapa anterior servirão de material para a execução desta etapa. Cada texto tem uma função predominante e, assim, o professor deixará evidente a função poética da linguagem nos contos “O poço” e “O poço e o pêndulo”. Para isso, o professor deve expor algumas estratégias usadas pelos autores dos dois contos, no que diz respeito

à criação literária, como por exemplo, a gradação narrativa, a identificação do leitor com o personagem e seu desespero, a cadência das cenas e ações, a técnica do *flashback* (começo *in medias res*), a capacidade do autor de prender o leitor até o fim do texto e “recompensá-lo” junto com o desfecho positivo, a repetição, como representação da “tortura” vivida pelo personagem, entre outras.

5) Cotejo dos textos quanto à predominância de funções linguísticas: nesta etapa, os alunos retomarão os textos produzidos na etapa 3 e serão evidenciadas, por meio de comparação, as características que fazem com que a linguagem literária se diferencie das outras e, assim sejam reafirmadas as propriedades do texto literário quanto à forma, conteúdo e, em especial, quanto às escolhas, arranjos, enfim, quanto à possibilidade de supra - realidade¹³ e plurissignificação.

Também é possível um trabalho intertextual, especialmente no conto de Rosana Rios, em que a autora cita “O santo inquerito” de Dias Gomes, peça na qual a personagem Branca Dias é presa, condenada e queimada pela Inquisição. Ainda é possível associar a ideia da repetição de uma sentença com o poema “O corvo”, de Poe, em que “*Never-more*” (Nunca-mais) segue até a conclusão do poema.

¹³ O termo, criado por André Breton (1924), traz um sentido de afastamento da realidade comum que o movimento surrealista celebra desde primeiro manifesto. Segundo Breton, trata-se de “[...] resolver a contradição até agora vigente entre sonho e realidade pela criação de uma realidade absoluta, uma supra-realidade”. O Manifesto do Surrealismo está disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf>

PROPOSTA 3

Texto guia: “O gato” – Rogério Andrade Barbosa
(recriação de “O gato preto” – Edgar Allan Poe)

1) Contato com textos que comuniquem um fato individual ou social: o folclore é um elemento em destaque na cultura brasileira. E com ele advêm as mais diversas formas de credices, superstições e outras formas de se explicarem fatos e fenômenos que a ciência não explica – ou simplesmente refuta. Das mais variadas superstições, sejam de raízes indígenas, africanas, europeias, ou mesmo resultantes da miscigenação e multiculturalismo presentes no Brasil, há aquelas que são passadas de geração a geração e, obviamente, circundam a escola, a sala de aula.

Nesta primeira etapa, os alunos farão um levantamento, por meio de entrevistas, de quais são as superstições ou credices que mais são citadas, ou quais são as mais comuns. O professor pode preparar, previamente, uma lista destas superstições ou então fazer uma *brainstorm* com os alunos em sala para fazer o levantamento. Certamente aparecerão algumas como: não passar por baixo da escada, não abrir o guarda-chuva dentro de casa, não varrer o pé, não pisar com o pé esquerdo ao sair da cama, não quebrar espelho e, dentre elas, não cruzar com gato preto.

2) Identificação dos elementos do jogo comunicativo: os alunos procederão à leitura do conto “O gato”, de Rogério Andrade Barbosa e, após apreciação e discussão do conto, o professor apresentará à classe as coordenadas do processo comunicativo, a partir de um roteiro de identificação, conforme tabela abaixo (AGUIAR, 1988, p. 111 e 112, adaptada):

Quadro 2 – Roteiro de Identificação

Questão	Objetivo da questão
Quem se comunica aqui?	Quem é o autor desta obra?
O que é comunicado?	O que a obra diz?
A quem comunica algo?	Quem é o leitor desta obra?
Por que meio é feita a comunicação?	O que transmite essa obra do autor para o leitor?
Que sinais compõem a comunicação e quais as regras que os tornam capazes de comunicar algo?	O que o leitor e autor precisam saber para que a obra possa ser escrita e lida (palavras, gramática, normas estéticas)?
A que se refere o que é comunicado?	A obra fala de coisas que existem ou são inventadas?

Fonte: O autor, 2017

Deve-se salientar que esta identificação dos elementos do texto não é estanque e estes não são isoladas do ato comunicativo. Estes se inter-relacionam de modo sistêmico.

3) Análises das funções da linguagem expressas nos textos: antes da execução desta etapa, será indicado para leitura o conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe. Após leitura, discussão, apreciação e verificação de leitura, o professor pedirá aos alunos que busquem identificar no conto as funcionalidades da situação comunicativa, a partir das intenções expressivas de cada um dos elementos.

Os alunos deverão identificar no conto as passagens que comprovem cada uma das funções expressas, as quais são: emissor (função emotiva), canal escolhido e seus percalços (função fática), código comum – ou não – ao receptor (função metalinguística), intenção de atrair e mudar o leitor (função conativa), determinar o contexto da mensagem (referencial) e os modos de composição do texto (função poética). Após esta atividade – feita em dupla ou não – o professor auxiliará na comprovação destas funções e citará exemplos retirados do conto.

4) Exame das formas de manifestação da função predominante: percebida a intenção do emissor e avaliado o efeito da mensagem no receptor, esta etapa visa a exploração dos recursos presentes na obra que exaltam a função poética, predominante no texto literário, enfatizando os atributos da linguagem literária e sua composição. Da mesma forma que as funções emotiva ou expressiva estão presentes, uma vez que o texto é narrado em primeira pessoa.

Para deixar mais clara a manifestação da função predominante, os alunos serão motivados a, em grupo, escrever notícias para diferentes jornais, relatando quais seriam os “fatos estranhos ocorridos em um asilo de idosos causados por um gato preto” que aparece no conto de Rogério Andrade, na página 190. Como na notícia a ênfase está no fato em si, destaca-se a função referencial.

Para a função conativa, os alunos criarão um “manual de prevenção contra superstições”, a partir do qual darão instruções de como evitar o “azar” em diferentes situações (como aquelas levantadas na primeira etapa).

Para a função metalinguística, os alunos produzirão pequenos vídeos – fotonovelas ou animações – em que deverão criar “superstições para se livrar de superstições”, por exemplo: “ao quebrar um espelho, para não ter sete anos de azar,

você deve dar 3 voltas em volta da casa”. Os vídeos serão apresentados à sala, para um momento de descontração ou, então, podem ser postados *online*, em *blogs* ou grupos de redes sociais.

5) Cotejo dos textos quanto à predominância de funções linguísticas: nesta etapa, o professor explorará os elementos semióticos presentes nos dois contos, fortalecendo o conceito das imagens evocadas pela construção do texto literário e sua linguagem, assim como as associações com os multissignificados decorrentes destas imagens. Para isso, destacam-se:

- a) Conto “O gato”: o velho casarão no alto da colina, o muro, as doze cruzeiros no quintal, o 13º gato, entre outros.
- b) Conto “O gato preto”: o cachorro, o gato preto chamado Plutão (fazer a referência com a mitologia romana, em que o deus do inferno recebe este nome), a adega, o gesso, o olho do gato, entre outros.

Além dos elementos semióticos, é essencial explorar alguns elementos da arte literária, como por exemplo, o modo como os autores tratam as compulsões humanas, bem como a loucura, a perversidade humana ou, então, a progressão da mudança de comportamento dos personagens.

Outro aspecto essencial, em especial nas obras de Edgar Allan Poe, é o modo como prende o leitor às “teias narrativas”, ou o modo como o narrador transforma o leitor em “confidente”.

Podem-se explorar, além do enredo em si, o clímax seguido de um desfecho surpreendente, assim como a suspensão da “descrença” perante o horror/terror de suas narrativas.

Por fim, os alunos podem expor suas apreciações/impressões de leitura, através de um seminário ou mesa redonda, intermediados pelo professor.